

NIETZSCHE E A MORAL DA TRADIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

NIETZSCHE AND THE MORALS OF THE JEWISH-CHRISTIAN TRADITION

Flávia Besse da Quinta¹

Resumo: Este artigo objetiva colocar as conjunturas levantadas por Nietzsche ao valor histórico dado aos juízos de bom e mau, e por fim, as circunstâncias dessa moralidade afixada pelo cristianismo entabulada da tradição judaico-cristã. Inventor da psicologia do sacerdócio, Nietzsche analisa historicamente o conceito de bom da ética aristocrática e a sua inversão pelo bem na concepção do cristianismo. O bom da aristocracia guerreira é a afirmação de si como pressuposto da vida boa na imanência e o bem é a negação de si que almeja uma vida boa na transcendência. Esse ideal do nada transforma a própria miséria em doutrina, o que torna uma vida mesquinha gerenciada pela má consciência e pelo ressentimento, impedindo o indivíduo de tomar as rédeas da própria vida alienando-se à processos gregários de corpos e ideias, alegorizados em escrituras. Diante do exposto, Nietzsche conduz para uma reflexão de transvaloração desses valores, ou seja, que orienta para uma moral nobre, livre de uma moral dos escravos, a moral do Ressentido.

Palavras-chave: Nietzsche. Cristianismo. Má-consciência. Moral. Ressentimento.

Abstract: This article aims to put the conjunctures raised by Nietzsche to the historical value given to the judgments of good and bad, and finally, the circumstances of this morality affixed by Christianity engaged in the Judeo-Christian tradition. Inventor of the psychology of the priesthood, Nietzsche historically analyzes the concept of good in aristocratic ethics and its inversion for good in the conception of Christianity. The good of the warrior aristocracy is the affirmation of itself as a presupposition of the good life in immanence, and the good is the denial of itself that aims at a good life in transcendence. This ideal of nothing turns misery itself into doctrine, which makes a petty life managed by bad conscience and resentment, preventing the individual from taking the reins of his own life, alienating himself to the gregarious processes of bodies and ideas, allegorized in scriptures. In view of the above, Nietzsche leads to a reflection of the transvaluation of these values, that is, that guides towards a noble morality, free from a slave morality, the moral of the Resentient.

Keywords: Nietzsche. Christianity. Bad conscience. Morals. Resentment.

Introdução

Nietzsche, inventor da psicologia do sacerdócio, trata em suas obras sobre o sentido de valor e, que, este se constitui a partir de um conflito de forças, ativas e reativas: “a história de uma coisa é geralmente a sucessão das forças que dela se apoderam e a coexistência das forças que lutam para dela se apoderar” (DELEUZE, 2018, p. 12). Porquanto, o Ser Humano se constitui a

¹ Mestranda em Filosofia do PPGFIL – UFRRJ.

partir de uma fisiopsicologia da imanência. Este corpo fisiológico influencia e é influenciado pelo mundo por uma configuração de forças que conduz todo o seu devir.

Destarte, Nietzsche na *Genealogia da Moral*, denuncia a concepção dada ao termo da Moral pelos filósofos excluída de sua historicidade e ratifica que a consciência moral emerge de a psique de um longo vir a ser constitutivo dessas forças:

Todo o respeito, portanto, aos bons espíritos que acaso habitem esses historiadores da moral! Mas infelizmente é certo que lhes falta o próprio *espírito histórico*, que foram abandonados precisamente pelos bons espíritos da história! Todos eles pensam, como é velho costume entre filósofos, de maneira *essencialmente* a-histórica; quanto a isso não há dúvida (NIETZSCHE, 2009, p. 12).

Isto posto, o levantamento histórico dado por Nietzsche ao julgamento do conceito de bom e mau evidência que não há um valor moral inato, e, ainda, explícita como a valoração desses valores determina todo um amplo conjunto de regras e imposições normativas na sociedade.

Numa psicologia saudável, há o domínio das forças de criação, que resulta em uma moral nobre, dos senhores, que valora a vida a partir de si mesma na imanência. Quando essas forças são reprimidas, o indivíduo necessita de um ideal de mundo que ele acredita ser verdadeiro. A saber, o preceito que valora a vida a partir de um outro é a incapaz justaposição de si que conduz a uma moral escrava. Ou seja, uma moral subjetiva à um ideal ascético, a um ideal do nada. Desse modo, como instrumento de avaliação e orientação do indivíduo, a consciência moral surge como sintoma da força reativa. “Não é consciência do senhor, mas consciência do escravo em relação a um senhor que não tem que ser consciente” (DELEUZE, 2018, p. 55).

A moral de senhores ou moral nobre é um tipo de atitude que diz sim a si mesmo, que afirma a sua distinção, a sua singularidade, a sua nobreza. A moral dos escravos nasce de um não a esse sim – a sua afirmação nasce da sua negação e, conseqüentemente, também precisa negar a distinção do outro.

Existe uma moral dos senhores e a moral dos escravos; acrescento logo que em todas as culturas mais elevadas e misturadas ocorrem também tentativas de mediação entre essas duas morais e, com frequência ainda maior, a confusão das mesmas e a mútua compreensão, às vezes a dura coexistência – até no próprio indivíduo, até dentro de uma só alma (NIETZSCHE, 2008, p. 208).

A diferença fundamental da moral do senhor para a moral do escravo é o ato constitutivo de dois tipos de valoração. Da valoração dos senhores, de quem diz sim a si mesmo. A negação, o

não, é apenas uma questão de distância: o não afasta aquilo do que é e do que quer. Desta forma, quem está pleno de afirmação só há o bom e o ruim. O senhor avalia o que acontece pelo que o favorece ou o desfavorece. Entretanto, pela valoração dos escravos, não há o bom e o ruim, mas o bem e o mal. Como não há uma afirmação de si, há uma negação do outro, o que propicia um tipo de moral e avaliação doente: avalia aquilo que é como bem em si mesmo ou mal em si mesmo. Essa diferente perspectiva vai conduzir a uma assimetria entre avaliar o acontecimento e avaliar o ser. Esta contraposição, Nietzsche remete a valoração ética feita pela aristocracia guerreira e a valoração moral feita pela tradição judaico-cristã. De modo que, em tempos homéricos ao conceito de bom aplicava-se a lógica da afirmação. Com a supremacia da casta sacerdotal, esse valor foi invertido:

Eis que nasce o bem e o mal: a determinação ética do bom e do ruim cede o lugar ao julgamento moral. O bom da ética tornou-se o mal da moral. O ruim da ética tornou-se o bom da moral. O bem e o mal não são o bom e o ruim, mas, ao contrário, a troca, a reversão, a inversão de sua determinação (DELEUZE, 2018, p. 157).

Em suma, o juízo dado ao conceito de bom na aristocrata e a inversão desse juízo imputado pela tradição judaico-cristã, resulta numa má consciência que escraviza e que impede o ser humano de tomar as rédeas da própria vida, que torna o corpo ressentido que vive na impessoalidade e afirma a sua mediocridade.

O bom da moral nobre

Século IX antes da Era Comum, nos tempos homéricos, as relações eram constituídas por castas: a casta dos superiores, os aristocratas, e a castas dos inferiores, os escravos. Ademais, juízos são instituídos por uma relação de hierarquia, a definição destes impõem-se aos subjugados. Deste modo, valores éticos assentados pela aristocracia definiram a taxonomia do corpo social.

Nesse interim, os aristocratas foram aqueles que podiam fazer explodir para fora os seus instintos: o domínio, a vontade de poder, a crueldade, a violência. Julgaram a vida como valor em si mesma, e dela, a referência do que é o apropriado. Logo, os aristocratas guerreiros produziram o valor do valor de bom e o seu oposto, conseqüentemente, se deu ao valor do valor de ruim.

Nesse contexto, o bom surge de uma lógica da autoafirmação: o que afirma a sua distinção, a sua superioridade. O Bom é o juízo dos fortes sobre os seus atos. Dessarte, afirmam o valor da disputa, da luta e da guerra. O forte fisiologicamente age e ele próprio diz que seus atos são bons.

Foram os “bons” mesmos, isto é, os nobres, poderosos, superiores em posição e pensamento, que sentiram e estabeleceram a si e a seus atos como bons, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo que era baixo, de pensamento baixo, e vulgar e plebeu (NIETZSCHE, 2009, p. 14).

Entrementes, o estado de luta é inerente a existência. A vontade de poder é a essência do ser que está no mundo, e essa relação se dá numa obstinada tentativa de se impor sobre o mundo: a constante busca de transformar o mundo em mais de si. À vista disso, a casta dos guerreiros necessitou se impor sobre outras castas guerreiras.

Exigir da força que não expresse como força, que não seja um querer dominar, um querer-vencer, um querer-subjugar, uma sede de inimigos, resistências e triunfos, é tão absurdo quanto exigir da fraqueza que se expresse como força. Um *quantum* de força equivale a um *quantum* de impulso, vontade, atividade (NIETZSCHE, 2009, p.32).

Por consequência, a negação da expressão de um certo grupo será a conjectura deste confronto. Por essa razão, a internalização será o direcionamento dado a esse instinto que foi anulado.

O homem dos instintos internalizados, Nietzsche vai dizer que é o sacerdote. Surge, então, a casta sacerdotal, os guerreiros fracassados. O bom assume uma lógica de negação e, com isso, manifesta-se uma moral ressentida dos que reprimem suas ações: “o homem do ressentimento não ‘reage’: sua reação não tem fim, ela é sentida em vez de ser agida” (DELEUZE, 2018, p. 150).

O que se ressentido fica vetado à ação, consumido pela doença psíquica, exaurido pela má consciência. Ou seja, o sacerdote é aquele que interioriza seus instintos e a negação dessa expressão eclode o magma da moral escrava. Por conseguinte, a ausência de força para a reação, que nutre um ódio e um desejo de vingança, resulta numa ação irracional que propõe a anulação do mundo da vida e a dos sentidos.

A rebelião escrava na moral começa quando o próprio ressentimento se torna criador e gera valores: o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e *este* Não é o seu ato criador. Esta inversão do olhar que

estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto - sua ação é no fundo reação (NIETZSCHE, 2009, p. 26).

Ademais, Nietzsche diz que a natureza do pensamento é a fluidez. Um pensamento não flui quando estaciona em um mesmo afeto. Uma mente constipada nunca experimenta nada novo. O ressentimento é uma espécie de constipação mental, uma indigestão de um afeto que nunca se esquece: “o ressentimento do homem nobre, quando nele aparece, se consome e se exaure numa reação imediata, por isso não envenena” (NIETZSCHE, 2009, p. 26).

O homem do ressentimento é por si mesmo um ser doloroso: a esclerose ou o endurecimento de sua consciência, a rapidez com a qual toda excitação nele se solidifica e se congela o peso dos traços que o invadem são os sofrimentos cruéis. E, mais profundamente, *a memória dos traços é odienta nela mesma, por ela mesma*. Ela é venenosa e depreciativa porque ataca o objeto para compensar sua própria impotência em se subtrair dos traços da excitação correspondente (DELEUZE, 2018, p. 151).

Por fim, o valor ético dado ao valor de bom pelos aristocratas, produto de uma força ativa, atributo para uma vida nobre na imanência, se inverte em conceito de bem, com valor na transcendência. Sintoma de um tipo de avaliação da vida doente, que não consegue afastar da consciência a experiência de um sofrimento.

O bem da moral escrava

O bom do senhor ou do nobre é o querer de si mesmo: a afirmação de si, de suas forças e de seus desejos. Ele quer que sua força chegue aonde ele quer levá-la. O bom do escravo é justamente a renúncia dessa força. Assim sendo, os escravos transformam o valor de bom em um substantivo que está fora da vida: o além-mundo é o bem estável da soberania que fora arremetida do mundo da vida.

E bom é todo aquele que não ultraja, que a ninguém fere, que não ataca, que não acerta contas, que remete a Deus a vingança, que se mantém na sombra como nós, que foge de toda a maldade e exige pouco da vida, como nós, os pacientes, humildes, justos. (NIETZSCHE, 2009, p. 33).

O bem é o não que é dado a vida, e o remédio para o sofrimento é o ideal ascético. Igualmente, seu compromisso será de nivelar os demais por baixo, de produzir o dócil e o enfraquecido, submetido ao mal-estar, a um ideal de outrem. Assim, passam a incitar que a vida boa é a vida servil. “Sabemos que as forças reativas triunfam apoiando-se numa ficção. Sua vitória repousa sempre no negativo como algo imaginário: elas separam a força ativa do que ela pode. A força ativa torna-se então em reativa, mas sob o efeito de uma mistificação” (DELEUZE, 2018, p.114).

No desejo de se livrar da sua doença surda e do seu sentimento de fraqueza todos os doentes, todos os acometidos de morbidez tendem instintivamente a se organizar como rebanho: o sacerdote ascético adivinha este instinto e o incentiva; em todo lugar onde existe rebanho, foi um instinto de fraqueza que quis este rebanho e foi a sabedoria do sacerdote que o organizou (SOBRINHO, 2007, p. 107)

O prognóstico da moral dos escravos é a interiorização da dor do mundo da vida e, ainda, sua missão é infundir o mundo do nada. Nietzsche vai dizer que o cristianismo é o marco dessa inversão, que tira da vida a capacidade de definir os valores da existência e os transformam em valores do nada. “A alegria cristã é a alegria de ‘resolver’ a dor: a dor é interiorizada e, por este meio, oferecida a Deus, colocada em Deus.” (DELEUZE, 2018, p. 26).

A criminalização da vontade de poder é a disposição primeira do escravo cristão. Dessa forma, os instintos, sentenciados como vícios; os belos, culpados por sua beleza. O homem interior, o ressentido, é o arquétipo prescrito para o valor moral de bem. A prescrição do não vir a ser deve aderir as alegorias das escrituras bíblicas. A imanência perde para transcendência e essa se fixa como um axioma incontestável: “os efeitos edificantes das religiões, estão inevitavelmente vinculados a atos de fala ritualizados e, por meio destes, acoplados ao nível da generalização simbólica” (SLOTERDIJK, 2016, p. 21). O cristianismo, então, condiciona o processo civilizatório para desejar a condição de sujeição.

O cristianismo pressupõe que o homem não sabe, não pode saber o que para ele é bom e o que é mau: acredita em Deus, o único a saber. A moral cristã é uma ordem; sua origem é transcendente; ela tem a verdade apenas se Deus for a verdade - ela se sustenta ou cai com a fé em Deus (SOBRINHO, 2007, p. 107).

A negação do mundo da vida e a dos instintos é a estratégia de sobrevivência dos fracos: o além-mundo garante a felicidade não atingida na imanência. A fraqueza é transformada em uma fictícia liberdade a fim de colher os méritos de uma vida imaginada na transcendência.

Em síntese, o cristianismo valora a vida através dessa inversão de valores: transforma a própria miséria em doutrina e delega sua práxis para a transcendência, o qual foi incapaz de exercer na imanência. Desta maneira, o bem, a avaliação do ser, desfecho da inversão de bom, que avalia o acontecimento, é a moral dos escravos em que domina a vontade de vingança, a vontade de nada. À vista disso, o platonismo disfarçado é uma ferramenta perfeita para deslegitimar a vida e a definição dos valores a partir de si. Pois, aliena-se aos processos gregários de unificação de corpos e ideias buscando a congruência a fim de promessas ilusórias de felicidade. “O fundamento ocidental de tudo isso vem de Platão: o cristianismo é um platonismo para o povo. o cristianismo espiritualizou o platonismo e o tornou a grande matriz do niilismo ocidental, o grande caluniador da vida” (MOSÉ, 2018, p. 46).

Conclusão

Nietzsche diagnostica um problema psicológico e oferece saídas, não é à toa que ele se dizia um grande psicólogo: “Que em meus escritos fala um psicólogo sem igual é talvez a primeira constatação a que chega um bom leitor” (NIETZSCHE, 2003, pos.865). Com efeito, o ressentimento, uma elaboração psíquica reativa da impotência, produto de uma moral escrava, constitui uma doutrina que cultiva afetos tristes.

Contudo, uma fisiologia saudável, produto da hierarquia das forças ativas, encontra-se, conseqüentemente, uma psicologia saudável. Domina, por conseguinte, o alargamento do pensamento nutrido por seus próprios valores. Ademais, Nietzsche coloca que afetos são alimentos do pensamento. O esquecimento é o que permite a sua fluidez. Entretanto, a memória faz com que o afeto se estacione, tornando estagnado um sentimento. O ressentimento é a cristalização de um afeto no pensamento. “Quanto pior de ‘memória’ a humanidade, tanto mais horrível o aspecto de seus costumes” (NIETZSCHE, 2009, p. 48).

Na interpretação de Nietzsche, entendido como um fenômeno psicológico complexo, o ressentimento pressupõe para seu surgimento uma espécie de debilidade fisiológica e para

sua solução um tipo de saúde, em parte inata, em parte cultivada, que permita ao homem colocar-se para além dele (PASCHOAL, 2013)

Personagem conceitual de Nietzsche, Zarathustra (2012), manifesta a ideia dos valores afirmativos em suas narrativas: Zarathustra aspira encontrar os companheiros para a criação, os leões risonhos, os que mataram o niilismo, para que, com alegria, possa destruir a negação da vida. Em suma, a moral nobre cria seus próprios valores e seus sentidos: valores afirmativos que conduz a uma fisiopsicologia saudável e a uma cultura superior, estimuladora das forças de criação, que nutre seus próprios juízos libertando o seu ‘eu’ de um ‘ideal de eu’.

Outrossim, “o ressentimento não se separa de um horrível convite, de uma tentação, de uma vontade de espalhar um contágio” (DELEUZE, 2018, p. 165). Em atenção à corrupção dos impulsos, Nietzsche critica o cristianismo. A internalização das disposições afetivas e dos instintos, torna o homem doente. Por esse motivo, Nietzsche vai dizer que o cristianismo é uma religião que nada mais faz que promover a doença do ressentimento e da má consciência. “O sacerdote ascético corrompeu a saúde da alma em toda parte onde alcançou o poder” (NIETZSCHE, 2009, p. 137).

Entretanto, uma objetificação da vida que gira em torno de um ídolo metafísico impede o ser humano de tomar as rédeas da própria vida, de criar seus próprios valores, tornando-se um corpo doentio. Esse modo de existir inautenticamente leva o ser humano a se diluir, vivendo na impessoalidade e se distanciando de si próprio – “toda terapêutica que vise adaptar o ser humano ao meio, contribui para tornar o ser humano mais medíocre: exclui as singularidades, suprime as diferenças” (MARTON, 2020). A má-consciência, produto do ressentimento, surge dessa repressão, dessa incapacidade de criar e gerar os próprios modos de vida. É a força reativa sobrepujando a força ativa: uma moral de escravos que impede de agir.

Além de tudo, a ideia de deus serve bastante ao Estado corrompido. Fruto da linguagem do consenso cristão, suas obrigações são inferiores a vontade divina. As decadências e mazelas sociais são primeiramente frutos de castigos divino. Para os que se apoiam nessas muletas metafísicas, o Estado é a forma colocada por um deus que através dele ressoa nas decisões. As piores são parafraseadas tendenciosamente nas escrituras bíblicas e é um atributo merecedor das mazelas sociais da culpa original. Quando há melhora ou benefício concedido, foi um deus que nos serviu com um líder instruído por sua sabedoria.

Nem mesmo o ser humano animado com inteligência é capaz de ordenar o mundo de forma mais inteligente do que como ele o encontra em sua instalação original. Por isso,

ele vivencia o mundo frequentemente como “mundo exterior”. Ele é seu hóspede, não seu transformador. Dentro desse padrão metafísico, as inteligências reflexivas ocorrem exclusivamente entre Deus e os seres humanos: O doador de inteligência convoca as almas para a existência e lhes concede a revelação necessária para instruí-las à fé nele; de resto, os seres humanos vivem “em seu tempo” e, quando este termina, eles devolvem sua inteligência animada no portal da morte (SLOTTERDIJK, 2019, p. 23).

A imanência perde para transcendência e essa se fixa como um axioma incontestável: “os efeitos edificantes das religiões, estão inevitavelmente vinculados a atos de fala ritualizados e, por meio destes, acoplados ao nível da generalização simbólica” (SLOTTERDIJK, 2016, p. 21). E ainda, o ódio e o desejo de vingança do ressentido cristão, na esfera política dirigem o seu “Mundo de Deus” para um que metaforicamente ocupe o lugar da divindade, como subterfúgio da opção de ação: “redes e políticas de segurança devem, agora, ocupar o lugar das camadas celestiais” (SLOTTERDIJK, 2016, p. 26).

Sendo assim, Nietzsche em seus escritos intenta conduzir para uma reflexão de transvaloração desses valores, ou seja, orientar para uma moral nobre, livre de uma moral dos escravos, a moral do Ressentido. À vista disso, suas obras criam ferramentas de provocação reflexiva para melhor viver neste mundo, distante da uniformização e de modelos idealistas, que conduz a um corpo saudável capaz de nutrir e afirmar a própria vida.

Reconhecida a historicidade da moral cristã - ou seja, o caráter particular e perspectivo inevitavelmente contido em seus valores e sistemas de avaliação -, rompem-se os grilhões que prendiam a consciência filosófica ao tu debes incondicional vigente na moral cristã; agora, ela pode ser, em toda a extensão da palavra, crítica e libertadora (JUNIOR, 2002, p. 33).

Além do mais, a reflexão do sujeito na sua relação de servidão é a sua condição primeira para a liberdade: quebra os alicerces dos valores morais, valores metafísicos e valores racionais como verdades únicas e acabadas.

Outrossim, qualquer espécie animal e vegetal depende da biodiversidade para a sua continuidade. A condição narcísica humana a coloca como superior e independente dessa natureza, buscando a congruência a fim de promessas ilusórias de felicidade. Entretanto, a multiplicidade é o fruto de que o ser humano foi capaz de se reinventar e se recriar.

Essa é a vocação e a missão do filósofo. A essa tarefa elevada corresponde uma terrível responsabilidade, a de redimir a vontade e a história humana dando cumprimento a um inexorável dever: o de tomar em suas mãos o martelo e o cinzel para esculpir a figura do futuro humano na história (JUNIOR, 2002, p. 35).

Referências Bibliográficas

Deleuze, G. (2018). Nietzsche e a filosofia. São Paulo: N-1 Edições.

Junior, O. G. (2002). Nietzsche & Para além de bem e mal (PAP - Filosofia). eBook Kindle: Zahar.

Marton, S. (9 de Julho de 2020). Nietzsche: por onde começar? . (L. Karnal, Entrevistador)

Nietzsche, F. (2003). Ecce Homo: De como a gente se torna o que a gente é. eBook Kindle: L&PM Editores.

_____. (2008). Além do bem e do mal . eBook Kindle: L&PM Editores.

_____. (2009). Genealogia da Moral - Uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. (2012). Assim falou Zaratustra. São Paulo: Martin Claret.

PASCHOAL, A. E. (2013). Contribuições para um debate sobre a justiça a partir da filosofia de Friedrich Nietzsche. PHILÓSOPHOS, 43-59.

SLOTERDIJK, P. (2016). Esferas I: bolhas. São Paulo: Estação Liberdade.

_____. (2016). O zelo de Deus: Sobre a luta dos três monoteísmos. São Paulo: Unesp.

_____. (2019). Pós-Deus. Rio de Janeiro: Vozes.

SOBRINHO, N. C. (2007). Escritos sobre Política Friedrich Nietzsche. São Paulo: Loyola.

E-mail: death.besse@gmail.com